



*Fundado no
Sesquicentenário da
Batalha do Seival*

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 97

LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA - DUQUE DE CAXIAS - 25Ago1803- 08Mai1880

Anualmente, no mês de agosto, a Maçonaria Brasileira reverencia a memória do Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho para o Rito Escocês Antigo e Aceito e Patrono do Exército Brasileiro, Marechal-do-Exército LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, Barão, Conde, Visconde, Marquês e Duque de Caxias.

Sua vida de militar-estadista confunde-se com a própria História do Brasil Império e possui belíssimas páginas que servem de exemplo às novas gerações e orgulham a todos os brasileiros. Símbolo da honra militar e um dos mais expressivos exemplos de retidão de caráter, de probidade no trato da coisa pública, de competência profissional, de pertinácia no cumprimento do dever e de fidelidade ao Brasil.

Nenhum chefe militar, de todos os quadrantes da terra, em qualquer fase da história, permaneceu tanto tempo na crista dos acontecimentos e na admiração de seus conterrâneos. Costuma-se indagar a que se atribui os 55 anos de Caxias como guerreiro invencível e os longos anos de estadista e de administrador laureado? – ANÍBAL, ALEXANDRE, JÚLIO CÉSAR, CARLOS MAGNO, TURENNE ou NAPOLEÃO, grandes generais de todos os tempos, viveram entre glórias, mas uma glória efêmera para uns e quase sempre ofuscada por um desastre militar para muitos.

E como explicar tal fenômeno? Teria sido um gênio, um iluminado? Um talento militar excepcional? Um bravo? Ou um privilegiado?

Primoroso estudo do Gen Otávio Costa sobre a personalidade do insigne patrono do Exército, responde a todas estas indagações: assim se refere o autor:

“Caxias foi de tudo um pouco e, em sua longa peregrinação pela vida, superou-se dia a dia, sempre fiel a si mesmo e aos seus princípios: fiel à disciplina, à lei, à ordem, ao GADU, e à humanidade. Nada quis que não a ordem, a paz e a unidade da Pátria. Sua vida é um primor de coerência. Sempre soldado e sempre fiel. A fidelidade a si próprio e à Nação projetaram seu nome diante da posteridade”.

Na oportunidade em que se comemoram os 207 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva e a fim de conhecermos um pouco da figura de um homem que dedicou sua vida ao Exército Brasileiro e às causas do Brasil, abordaremos o vulto histórico Duque de Caxias como: o Soldado, o Cidadão, o Administrador, o Político e o Maçom.

- O Soldado -

Nascido a 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, Vila do Porto da Estrela, na Província de São Sebastião do Rio de Janeiro, filho do Marechal-do-Exército Francisco de Lima e Silva e de Dona Cândida de Oliveira Belo, Luiz Alves de Lima e Silva cedo demonstrou sua inclinação para as atividades militares, certamente herdada de sua família, de grandes e notáveis oficiais superiores. Os seus hábitos foram forjados na rotina dos quartéis e o seu espírito recebeu o amálgama de nossas melhores tradições.

Aos cinco anos iniciou sua carreira militar ao receber a estrela de Cadete, aos quatorze, matriculou-se na Academia Real Militar, onde se formou aos dezoito, indo servir, como Alferes, no Primeiro Batalhão de Fuzileiros, uma unidade de elite do Exército Real.

No dia 10 de novembro de 1822, já no posto de Tenente, em tocante cerimônia na Capela Imperial, recebe das mãos do Imperador Dom PEDRO I

“A bandeira do império recém-criada, não mais azul e branca com a coroa sobreposta ao escudo real lusitano, mas verde primavera e amarelo ouro, simbolizadora de uma grande nação, que emergia aos olhos do mundo civilizado”.

Ajudante do Batalhão do Imperador, parte para a Bahia, onde as tropas sublevadas do Gen MADEIRA de MELO constituem foco de resistência ao movimento de emancipação nacional. Ali, recebe seu batismo de fogo, “revelando excepcionais qualidades de inteligência e de bravura”.

Dedicado, competente e patriota, em sua vida militar, vai de Alferes a Marechal-do-Exército, Comandante-em-Chefe das Forças de Operações na Guerra contra o Paraguai, galgando ainda o cargo de Ministro da Guerra. Em sua longa carreira, torna-se o símbolo da nacionalidade, lutando pela consolidação da Independência, dominando com habilidade e energia os movimentos separatistas ou meramente sediciosos. Foi também o grande condutor de todos os triunfos contra os inimigos externos que ameaçavam a unidade, a segurança ou a tranqüilidade do Império. Com toda a certeza, foi a sua participação nas lutas externas o seu apogeu, inquestionável, como profissional das armas.

Em 1851, Caxias se encontra agora no Rio Grande do Sul. É o presidente da província e o chefe Supremo do Exército do Sul, ainda em organização. Suas previsões, no tempo da Guerra dos Farrapos, estavam confirmadas. O Ditador JOÃO MANOEL ROSAS, Presidente da ARGENTINA, começava a executar o seu plano de restabelecimento do Vice-Reinado do Prata, iniciando pela anexação do URUGUAI. Para isso, contava com o apoio de ORIBE, seu amigo da Banda Oriental.

Tornava-se inarredável o plano de intervenção do Império contra ORIBE E ROSAS. A ação é confiada a Caxias que invade o território uruguaio à frente de 20.000 homens, com apoio da Esquadra Brasileira. O inimigo não resiste ao Império das forças brasileiras, sendo completamente aniquilado, desaparecendo os dois tiranos do cenário político das AMÉRICAS. Era a consagração de Caxias como estrategista e comandante-em-chefe.

Restava FRANCISCO SOLANO LOPES, o último caudilho e o maior tirano da história americana. E foi justamente esse dirigente de um nobre povo, que se lançou contra a nossa Pátria, sem motivos aparentes, apenas alimentando-se de um ódio mortal ao Império de um “sanguinolento desembaraço de sua megalomania”.

Não pudemos evitar as contínuas provocações e nem os ultrajes à nossa soberania. Veio a guerra. O povo acode ao chamamento da Pátria. E na luta contra o inimigo bravo e audacioso, tivemos os nossos mártires que legaram à posteridade comovedores exemplos de heroísmo.

Indubitavelmente, o ano de 1866 traria grandes transformações no teatro de operações. De uma estagnação prolongada, após a memorável Batalha de Tuiuti, o grosso dos exércitos aliados iria se movimentar no caminho de ASSUNÇÃO. O Marquês de Caxias assume o comando das forças brasileiras, e de todas as forças aliadas em operações contra o ditador do PARAGUAI, introduzindo sensíveis modificações no plano geral da campanha, na organização da tropa e nos órgãos de apoio, com resultados altamente positivos para o moral dos combatentes.

A nomeação do Marquês de Caxias alegrou a todas as forças aliadas. Com sua experiência e valor profissional, deu vigor e desenvolvimento às operações, “fazendo cessar as rivalidades que tanto mal causavam à ordem e à disciplina”. O seu primeiro trabalho, na qualidade de comandante aliado, foi proporcionar nova estrutura às forças de terra, com base no Exército Imperial, e os meios indispensáveis ao cumprimento de sua honrosa missão. A seguir, estabeleceu um minucioso plano, objetivando a destruição do sistema defensivo de SOLANO LOPES e a abertura do caminho para a capital paraguaia.

Nas marchas de flancos, bate o inimigo em SÃO SOLANO e HUMAITÁ, na travessia dos pantanais pestilenos do CHACO, vence em PIQUISSIRI, abrindo a passagem para a Esquadra Imperial. Dirige-se para o Sul combatendo em ITORORÓ onde, durante intensos combates, lança-se à frente do fogo inimigo, espada em punho para dar o exemplo aos seus comandados.

A partir daí, o rolo compressor dos bravos de Caxias impõe a derrota ao inimigo em AVAÍ, LOMAS VALENTINAS, ANGOSTURA e, finalmente, ITAIVATÉ, o xeque-mate dos Exércitos de LOPES, onde o vitorioso Marechal comandante supremo das forças aliadas atingia a culminância de sua brilhante carreira. Finalmente, no dia 5 de janeiro de 1869, à frente dos soldados brasileiros, entrava triunfante em ASSUNÇÃO, dando a guerra como terminada.

- O Cidadão -

Caxias nasceu, viveu e morreu como soldado e na constelação de seus familiares, contam-se quatorze marechais. Mas, nem por estas razões deixou de ser o cidadão admirado e reconhecido no seu caráter, no seu respeito à lei e à ordem e no culto aos sagrados valores da nacionalidade. Aliás, ninguém ignora que a cidadania é atributo da condição do bom indivíduo. Combatendo os ideais separatistas, estabeleceu a unidade do Império, criando os parâmetros de sua grandeza e dignidade. E ainda, mostrando-se magnânimo com os vencidos, como no episódio da “Abrilada”, no qual foi protagonista seu inimigo e condiscípulo MIGUEL de FRIAS, e na anistia aos implicados na “Balaiada”, onde deu provas de sentimentos de humanidade, condição precípua às qualidades de uma boa cidadania e de verdadeiro chefe militar.

- O Administrador -

Em 1855, Caxias ocupa, pela primeira vez, a pasta da guerra. Foi o grande reorganizador do Exército, procurando melhorar as condições da tropa e aparelhá-lo, objetivando sua nobre missão. De início, conseguiu a reformulação da Justiça Militar e criou o importante órgão técnico denominado Ajudante General, responsável pela organização, instrução, suprimento e planos de operações do Exército, no desempenho de sua missão na paz, mantendo a ordem interna; e na guerra, responsável pela nossa defesa e nossa soberania. Hoje, temos no Estado-Maior do Exército, o substituto do Ajudante General, guardados, naturalmente, o vertiginoso progresso da arte da guerra e a multiplicidade de engenhos, estabelecendo novas condições para o combate e para a manutenção dos serviços. O Serviço de Saúde e o Sistema de Recrutamento do Exército merecem, igualmente, especial atenção de Caxias, defendendo as reformas baseadas na justiça, eqüidade e voluntariedade.

- O Político -

Além de sua excepcional carreira militar, Luiz Alves de Lima e Silva destacou-se na vida política, tendo ocupado vários cargos legislativos (Senador e Deputado) e executivos (Presidente e Vice-Presidente de Províncias, Conselheiro e Presidente do Conselho de Ministros) no cenário político nacional. Não aspirava outra glória, senão a de haver dedicado a sua luminosa existência ao exclusivo serviço da Pátria.

Em 1870, recebe o título de Duque. Sua vida, a partir de então, enfrentará outros embates, agora num campo onde as batalhas são vencidas mais com a malícia e a manha do que o destemor e a bravura. Na política, conservador como sempre, o Duque não se deixa enredar ou corromper pelos fuxicos e tramas da corte. Fiel ao seu temperamento justo e magnânimo, não hesita em extrair do Imperador a anistia para os Bispos presos durante a chamada “questão religiosa”, colocando, inclusive, seu cargo à disposição.

Em fins de 1877, após dois anos de ausência, o Imperador retorna da EUROPA. Na regência deixa a princesa ISABEL. No governo, permanece Caxias. Nesse período, houve progresso geral no país e harmonia entre os poderes. A paz dominou em todas as consciências, “Sem que as mais leves nuvens turvassem o nosso firmamento, apesar de tantas circunstâncias que tenderam a enegrecê-lo”.

Deputado pelo MARANHÃO, Senador pelo RIO GRANDE DO SUL, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro da Guerra e Conselheiro de Estado, o Duque de Caxias não foi feliz na política. De nada valeram, aos sentimentos de seus inimigos gratuitos, os serviços prestados à causa da Pátria, nem seus sacrifícios e glórias nos campos de batalha, tão pouco sua onerosa atuação como parlamentar e chefe de governo. Os maiores sofrimentos de Caxias foram sempre motivados pela sordidez dos embates políticos.

“Caxias não se destacou no senado como polêmico, orador retórico ou hábil congressista. O que o destacou foi o trabalho atento e convincente, a vigilância permanente, a severidade e o patriotismo”.

- O Maçom -

A Maçonaria tem a honra de ter tido Caxias como destacado obreiro da Arte Real e de sua vida, na Sublime Ordem, extraem-se valiosos ensinamentos que permitem, não só compreender melhor importantes momentos da nossa História, como também colher subsídios que constituem em suportes para decisões e atividades futuras.

Quanto a sua vida maçônica, supõe-se que tenha sido iniciado entre junho de 1841 e maio de 1842, na Loja Maçônica São Pedro de Alcântara, uma das Lojas do Grande Oriente Brasileiro do Passeio, do qual seu ex-comandante e amigo, o Conde de Lages, era o Grão-Mestre. Existe também a hipótese de sua iniciação ter ocorrido entre setembro de 1845 e junho de 1841, quando seu tio José Joaquim de Lima e Silva, Visconde de Magé, era o Grande Chanceler do Grande Oriente Brasileiro, no grão-mestrado do Senador Vergueiro.

Controvérsias à parte o certo é que alcançou o título de GRÃO-MESTRE GERAL HONORÁRIO E SOBERANO GRANDE COMENDADOR DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, no grau 33, mercê de sua dedicação à causa maçônica.

Ao retornar vitorioso do Rio Grande do Sul, após a pacificação da Revolução Farrroupilha, Caxias é empossado no cargo de Senador, encontra sua potência maçônica vivendo um sismo com Grande Oriente do Passeio, que acabaria por envolvê-lo.

Em março de 1847, o Conde de Lages, já no fim de sua vida dedicada à Maçonaria, teria nomeado o então Conde de Caxias, Grau 33, para o cargo de lugar Tenente Comendador do Supremo Conselho do Brasil de Montezuma, em substituição ao Marquês de Sapucaí, com a finalidade de que reorganizasse e restabelecesse a ordem naquele Alto Corpo.

Caxias passou então a dedicar-se com afinco as suas funções maçônicas. Organizou o expediente, criou e regularizou lojas e, consoante seu espírito conciliador, buscou uma aproximação com o Grande Oriente do Brasil (GOB).

A fim de reestruturar e reorganizar o Grande Oriente que dava sustentação ao Supremo conselho, teria o Conde de Caxias fundado um novo Grande Oriente, denominado Grande Oriente de Caxias, que foi composto, inicialmente, pelas Lojas Vinte e Três de Julho e Dois de Dezembro, às quais se juntaram, posteriormente, as Lojas União Escocesa e Triunfo do Brasil.

Em abril de 1847, com o passamento ao Oriente Eterno, do Marquês de Lages, o Conde de Caxias toma posse, na qualidade de 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, legitimamente denominado de Supremo Conselho de Montezuma, e Grão-Mestre do Grande Oriente de Caxias.

Em 17 de julho de 1849, por meio do documento que se encontra no Museu do Grande Oriente do Brasil, assinado pelo Conde de Caxias e pelo Grande Secretário do Sacro Império, Ir.: Dr. Antônio de Araújo, o Conde de Caxias autoriza o Conselheiro João Fernandes Tavares, Visconde de Ponte Ferreira, a tratar com o Senador Araújo Viana, Marquês de Sapucaí, da fusão do Supremo Conselho de Montezuma e do Grande Oriente de Caxias com o Grande Oriente do Brasil.

Em 1852, graças ao grandioso espírito pacificador de Luiz Alves de Lima e Silva, acontecia a unificação do Supremo Conselho de Montezuma, fundado em 12 de novembro de 1832, e do Grande Oriente de Caxias com o Grande Oriente do Brasil, fundidos os corpos Simbólicos e Filosóficos, continuou no primeiro malhete do Grande Oriente do Brasil o Marquês de Abrantes, sendo o Conde de Caxias proclamado Grão Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, já que até 1854 continuou exercendo o cargo de Soberano Grande comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Supremo Conselho de Montezuma).

Em 1869, o então Duque de Caxias, que continuava ativo no Grande Oriente do Brasil, fiel ao seu juramento maçônico, recebeu a missão de representar o Supremo Conselho da Inglaterra junto ao Grande Oriente do Brasil, missão que desempenhou até sua passagem ao Oriente Eterno.

Apesar de respeitado e querido por seus Irmãos, pode-se afirmar que o Duque de Caxias não contava com o respaldo da Ordem. Ele era exemplarmente conservador e leal ao Imperador e suas convicções não lhe permitiram tornar-se republicano e conspirador, como a maioria dos maçons nas últimas décadas do século XIX.

Caxias deve ser entendido, não só como responsável pela nossa integridade territorial, mas também como o verdadeiro sustentáculo do Império. Sua visão de estadista foi mais uma vez caracterizada quando da chamada Questão Religiosa, que envolveu clérigos e maçons de Pernambuco e teve, como consequência, a prisão de vários bispos por D. Pedro II. Caxias, ao ser chamado a assumir, pela terceira vez, a Presidência do Conselho de Ministros, impõe ao Imperador a anistia dos religiosos.

Essa atitude, por vezes incompreendida por alguns maçons, deve ser vista como uma tentativa de manter a Igreja como aliada do Império, porque ela era um dos seus sustentáculos, ao lado das Forças Armadas e da agricultura canvieira e cafeeira do Vale do Paraíba.

Em 07 de maio de 1880, passou para o Oriente Eterno o Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Montezuma), Marechal-do-Exército Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro.

Podem os Irmãos assim observar que o grande Pacificador, que fundava Triângulos Maçônicos para acabar com revoltas, transformando inimigos em amigos pelo Amor Fraternal, em paralelo a sua vida posta a serviço da Pátria, também desempenhou na Maçonaria o papel de Pacificador, daí a justa homenagem do seu título na Maçonaria de O PACIFICADOR.

Meus Irmãos “LUX VERA IN TENEBRIS LUCET”, “a verdadeira luz brilha mesmo na escuridão”. Hoje, o grande Marechal é lembrado como um dos mais ilustres irmãos do passado e, atualmente, inúmeras Lojas Simbólicas, de Perfeição e Capitulares, de diversas potências, ostentam o nome de “Duque de Caxias” ou “O Pacificador”, as Academias Maçônicas de Letras possuem a cadeira de Duque de Caxias; e o dia de seu nascimento, 25 de agosto, é sempre efusivamente comemorado.

Podemos citar, por exemplo: Do GOB as Lojas

- Duque de Caxias I – Nova Iguaçu/RJ – Nº 1045
- Duque de Caxias II – Rio de Janeiro/RJ – Nº 441
- Duque de Caxias III – São José dos Campos/SP – Nº 1357
- Duque de Caxias IV – Recife/PE – Nº 1722
- Duque de Caxias V – Sobradinho/DF – Nº 1776
- Duque de Caxias VI – Caxias/MA
- Duque de Caxias SOLDADOS DO BRASIL – Campos/RJ – Nº 1169
- Duque de Caxias PRAIA VERMELHA/RJ – Nº 2589
- O PACIFICADOR/RJ

GRANDES LOJAS

- Duque de Caxias – TRIÂNGULO Nº 4 – Concórdia/SC
- Duque de Caxias – Nº 14 – Cajazeiras/PB
- Duque de Caxias – Nº 16 – Macapá/AP
- Duque de Caxias – Nº 18 – Duque de Caxias/RJ
- Duque de Caxias – Nº 29 – Lajeado/RS
- Duque de Caxias – Nº 33 – Januária/MA
- Duque de Caxias – Nº 70 – São Vicente/SP

E tantas outras mencionadas.

- CONCLUINDO -

Caxias foi herói e mártir. Herói no campo de batalha, vencedor e nunca vencido. Herói no cumprimento do dever e mártir na inveja e incompreensão dos políticos. À Pátria tudo dera, sem nada exigir. Nem ao menos na velhice, pôde merecer a paz dos justos.

Mas, o Exército – herdeiro de suas glórias e depositário de suas excelsas virtudes – tomou-o como Patrono. É a consagração dos eleitos e o caminho inarredável para a imortalidade. No comportamento, nos anseios e nas aspirações de seus chefes e subordinados, o Exército de hoje é a afirmação legítima dos ideais de seu insigne patrono.

Quando, a 7 de Maio de 1880 cruzou para o Oriente Eterno, encerra-se a carreira do ínclito Marechal deixando o legado de exemplos e virtudes.

À passagem do cortejo fúnebre, multidões sentidas relembavam seu honrado nome, sua história exemplar. Pela mente dessas turbas lacrimosas perpassa o vulto paradoxal do guerreiro e pacifista, diplomata e jugulador de revoltas, severo e justo, heróico e crente, coração abrasado de fé e de amor à família. Por ela deslizavam, como telas moveáveis – Iitororó, a Abrilada, o Btl Sagrado, a Balaiada, a Sedição de Sorocaba e Barbacena, a marcha para Ouro Preto, os Farrapos, Porongos, Poncho Verde, Chaco, Avaí, Lomas Valentinas e tantos outros embates, enquanto pelos seus ouvidos ecoam, ainda, as clarinadas aurorais dos seus triunfos. A maior sentinela indomada da Pátria foi, sem dúvida, quem lhe deu a pujança de seu físico, a robustez de seu civismo, o vigor de sua crença inabalável, a intrepidez de militar nato, a prestância de cidadão virtuoso e inteligente, durante cinco décadas de vida pública.

O Patrono dos soldados, assaz altivo pelo tempo e pelo espaço, a desfralda sob os céus brasílicos, o impoluto lábaro auriverde estrelante.

Na verdade, dos campos de Pirajá, berço de nossa independência, aos campos de Piratini, onde se firmou a idéia de nacionalidade; de Tuiuti, chão sagrado das glórias da infantaria brasileira, aos redutos de Angostura, vitória consagrada das armas do Império; de Camaioire a Montese, marcos heróicos e triunfais das armas brasileiras na II Guerra Mundial, consolidaram-se dentro do Exército o primado da ordem constitucional e do respeito à lei, à ordem, à disciplina, à fé democrática e à predestinação de vanguardeiro de nossa soberania.

A conduta do exército é, nos dias de hoje, o reflexo da vida de seu patrono. Nos 55 anos de sua luminosa e incansável vida pública, coincidentemente os de maior fulgor da história do Império, a espada invicta do grande soldado manteve-se exclusivamente a serviço da Pátria, na paz e na guerra, para a defesa de seus legítimos direitos. Nas lutas internas pacificando a família brasileira, e nos conflitos externos, no combate à tirania e na defesa de nossa dignidade como nação livre, Caxias uniu o seu destino às vitórias do seu Exército que o eternizou na glória.

“A significação maior do culto que o Brasil, tanto pelas suas forças armadas como pelas populações civis rende a Caxias está em que ele nunca utilizou a sua espada para agredir; usou apenas para defender. Esteve a serviço da nação unicamente para resguarda-la. Jamais para comprometé-la”.

OSVALDO ORICO in “Homens da América”.

Or.: Cruz Alta, 25 de Agosto de 2003.

EDMIR MÁRMORA JUNIOR - M.: M.: CIM 170602

- Iniciado na *Loj.: Bartolomeu Fagundes - Or.: Natal - RN, em 1975 - Ex membro das Loj.: Três Poderes - Or.: Brasília - DF; Loj.: Duque de Caxias - Or.: Rio de Janeiro - RJ; - Atualmente, filiado a Loj.: Justiça e Perfeição - Or.: Porto Alegre -RS e membro Honorário da Loj.: Harmonia Cruzaltense - Or.: Cruz Alta*

Bibliografia:

1. CAMPOS, Pinto de – Monsenhor. *Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luís Alves de Lima e Silva*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1978. 31p (transcrição da introdução).
2. CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1976. 305p.
3. KURT, Prober. *Duque de Caxias*. Rio de Janeiro, 1972. 39p.
4. STURARI, Raul José de Abreu. Artigo do Égrégora da Loja Simbólica MIGUEL ARCHANJO TOLOSA.
5. SOUZA, Eduardo Gomes. Artigo do boletim do GOERJ.
6. SILVA, Wladimir Paulino Vilela. Palestra realizada na LOJ.: Duque de Caxias/RJ.

Nota do Editor: O Cel EDMIR MÁRMORA JÚNIOR é Membro-efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2° Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Porto Alegre – lecaminha@gmail.com